

Audiovisuais nas aulas do Ensino Médio: um estudo exploratório em uma escola do RS/BR

Derli Juliano Neuenfeldt¹

Tiago Wagner²

Adriano Edo Neuenfeldt³

Rafael Kovalski da Cruz⁴

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar percepções de estudantes do 3º ano do Ensino Médio sobre o uso de audiovisuais em seu cotidiano, especialmente, nas aulas, como recurso didático-pedagógico. Os principais referenciais teóricos do estudo foram Sibilia (2012), Moran (2015), Borba e Oechsler (2018) e Neuenfeldt *et al.* (2024). Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa e exploratória, realizada com 15 estudantes de uma escola do RS/BR. Para a produção de informações, utilizou-se um questionário elaborado no *Google Forms*, encaminhando via grupo de *WhatsApp* da turma. Resultados revelam que audiovisuais estão presentes no cotidiano dos estudantes, tanto em momentos de estudo, quanto lazer. Relacionado às aulas, identificou-se o uso de audiovisuais em praticamente todos os componentes curriculares, exceto Educação Física. Quanto ao uso didático-pedagógico, constatou-se que predomina a utilização de vídeos já disponíveis em plataformas, como forma de reforço para a aprendizagem de temas trabalhados em sala de aula. Conclui-se que os audiovisuais estão presentes no cotidiano dos alunos e na maioria dos componentes curriculares. Contudo, aparecem nos processos de ensino principalmente como um recurso complementar. Assim, destaca-se que os audiovisuais podem ser explorados mais ativamente, envolvendo alunos e professores na sua produção, tornando-os protagonistas na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Audiovisuais. Ensino. Ensino Médio.

Audiovisuals in High School classes: an exploratory study in a school in RS/BR

¹Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento (Univates). Professor do PPG Ensino e do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Taquari – Univates/RS/BR. E-mail: derlijul@univates.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1875-7226>

²Mestre em Ensino (Univates). Professor de Educação Física da rede municipal de ensino de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul/RS/BR. E-mail: tiago.wagner@universo.univates.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7684-6538>

³Doutor em Ensino (Univates). Professor da rede municipal de ensino de São Gabriel/RS/BR. E-mail: adrianoneuenfeldt@universo.univates.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5043-1800>

⁴Graduado em Direito (Univates). Ex-bolsista de iniciação científica pelo PPG Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates E-mail: rkdacruz@universo.univates.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1393-3358>

Abstract:

The aim of this research was to analyze perceptions of 3rd year high school students about the use of audiovisuals in their daily lives and, in particular, in class, as a didactic-pedagogical resource. This study's main theoretical references were Sibilia (2012), Moran (2015), Borba and Oechsler (2018), and Neuenfeldt et al. (2024). This is a quali-quantitative and exploratory study carried out with 15 students from a school in RS/BR. To gather information, we used a questionnaire drawn up on *Google Forms* and sent via the class *WhatsApp* group. The results show that audiovisuals are present in the students' daily lives, both during study and leisure time. In relation to classes, the use of audiovisuals was identified in practically all curricular components, with the exception of Physical Education. With regard to didactic-pedagogical use, it was found that videos already available on platforms predominate, as a way of reinforcing the learning of topics covered in the classroom. The conclusion is that audiovisuals are present in students' daily lives and in most curricular components. However, in teaching processes they are mainly used as a complementary resource. In this way, it is emphasized that audiovisuals can be explored in a more active way, involving students and teachers in their production, making them protagonists in the construction of knowledge.

Keywords: Audiovisuals. Teaching. High School.

Audiovisuales en las Clases de Secundaria: un estudio exploratorio en una escuela de RS/BR

Resumen:

El uso de audiovisuales en su vida cotidiana, especialmente en las clases, como recurso didáctico-pedagógico. Los principales referentes teóricos del estudio fueron Sibilia (2012), Moran (2015), Borba y Oechsler (2018) y Neuenfeldt *et al.* (2024). Se trata de una investigación cualitativa-cuantitativa y exploratoria, realizada con 15 estudiantes de una escuela de RS/BR. Para la obtención de información, se utilizó un cuestionario elaborado en Google Forms y enviado a través del grupo de WhatsApp de la clase. Los resultados revelan que los audiovisuales están presentes en la vida cotidiana de los estudiantes, tanto en momentos de estudio como de ocio. En relación con las clases, se identificó el uso de audiovisuales en prácticamente todos los componentes curriculares, con excepción de la Educación Física. En cuanto al uso didáctico-pedagógico, se constató que predomina el uso de vídeos ya disponibles en plataformas, como forma de refuerzo para el aprendizaje de los temas trabajados en el aula. Se concluye que los audiovisuales están presentes en la vida cotidiana de los alumnos y en la mayoría de los componentes curriculares. Sin embargo, aparecen en los procesos de enseñanza principalmente como un recurso complementario. De este modo, se destaca que los audiovisuales pueden explotarse de forma más activa, involucrando a alumnos y profesores en su producción, convirtiéndolos en protagonistas de la construcción del conocimiento.

Palabras clave: Audiovisuales. Enseñanza. Enseñanza secundaria.

1 Introdução

Nos últimos anos, a utilização de tecnologias digitais na Educação vem sendo uma tendência crescente, ocasionando mudanças nas metodologias de ensino desde a Educação Infantil à Pós-graduação. A pandemia de Covid-19⁵, em razão da necessidade de distanciamento físico, contribuiu para a aceleração desse processo de incorporação de

⁵ A pandemia da doença do coronavírus 2019 (COVID-19) foi um surto global de coronavírus – uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) (WHO, 2026).

tecnologias digitais, revelando também dificuldades de muitas escolas, tais como: carência de infraestrutura, formação de professores inadequada, além de precárias condições de acesso dos alunos às tecnologias digitais fora da escola (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020; JEFFREY; SIQUEIRA, 2022).

Porém, percebe-se que o acesso às tecnologias digitais, especialmente a internet, amplia-se e melhora a cada ano. Nesse sentido, há de se pensar o lugar delas no ensino. Há uma diversidade de recursos tecnológicos digitais que vão desde a implantação de salas de inovação com equipamentos de última geração tais como *chromebooks*, lousa digital interativa, impressora 3D, uso dos recursos da plataforma *Google* (*Gmail*, *Google Docs*, *Google Classroom*, *Google Agenda*, *Google Drive*, *Websites*, *Hangouts*...) e aplicativos como o *WhatsApp*, que não foi pensado para o ensino, mas está sendo utilizado também com finalidade educacional (NEGRÃO; NEUENFELDT, 2024).

Outro recurso tecnológico digital presente nas nossas vidas são os audiovisuais. Sibilia (2012) comenta que hoje somos muito mais audiovisuais e interativos, ou seja, nossos alunos preferem assistir a um vídeo a ler um livro, pois as tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de trocas e de compartilhamento de informações. Essa mudança da leitura do livro impresso para o audiovisual iniciou com a televisão e se expandiu com a internet, trazendo uma nova forma de as pessoas se relacionarem entre si, acessarem as informações e produzirem conhecimentos. Os vídeos reúnem imagem e som, indo ao encontro de uma sociedade na qual a imagem tem ocupado lugar de destaque, pois há uma hiperestimulação visual.

A busca pela linguagem audiovisual foi impulsionada pela evolução das tecnologias digitais que permitem acesso fácil e rápido a plataformas como o *YouTube*. Hoje, o acesso a vídeos é facilitado. Somos consumidores e produtores de vídeos (MORAN, 2015). Buscamos vídeos tutoriais, assistimos a filmes dos mais variados gêneros, produzimos e postamos produções próprias em redes sociais como o *facebook* e o *Instagram*.

No ensino, o uso de vídeos e filmes na educação, conforme Borba e Oechsler (2018), não é recente. No Brasil, desde 1963, Anísio Teixeira destaca o potencial de utilizar imagens e sons na sala de aula. Tivemos iniciativas de teleaula, sendo uma das mais conhecidas o projeto Telecurso para o Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante, criado em 1995, cujas aulas abordavam temas específicos das disciplinas, com uma sequência de estudos e material didático complementar (livros, mapas, entre outros).

E hoje, como os audiovisuais estão sendo utilizados? Há várias décadas que se assiste a vídeos (filmes) com os alunos e, a partir deles, se promove acesso ao conhecimento e se propõem discussões. Será que essa é a única forma de pensar o uso didático-pedagógico dos audiovisuais no ensino?

Entendemos que o uso didático-pedagógico de audiovisuais no ensino passa pela nossa compreensão de Educação. As tecnologias digitais por si só não substituem a necessidade do professor na condução do ensino e na definição da formação que se pretende. Ou seja, podemos utilizar as tecnologias de diversas formas, seguir apenas as pré-configurações ou podemos produzir conhecimento a partir delas. Nesse sentido, este artigo, resultado de pesquisa, investiga como os audiovisuais estão sendo utilizados no ensino, a partir da presença deles na vida dos alunos.

Este artigo teve como objetivo analisar percepções de estudantes do 3º ano do Ensino Médio sobre o uso de audiovisuais em seu cotidiano, em especial, nas aulas, como recurso didático-pedagógico. Esta pesquisa, portanto, investiga o lugar dos audiovisuais na vida dos estudantes de Ensino Médio e problematiza o uso deles nas aulas. Para fazer essa análise,

vislumbramos possibilidades de diálogo com autores como Sibilia (2012), Moran (2015), que discutem a escola e o uso das tecnologias digitais; Neuenfeldt, Schuck e Miorando (2020); Neuenfeldt *et al.* (2024) e Borba e Oechsler (2018), que defendem o uso de vídeos como possibilidade de construção do conhecimento, de forma participativa, dialógica e interativa, com vistas à formação de cidadãos autores e autônomos.

2 Metodologia

Esta pesquisa é de abordagem mista (MATTAR; RAMOS, 2021) ou seja, é qualitativa. A escolha do contexto de estudo e participantes se deu a partir de critérios qualitativos. Mas, a apresentação e análise das informações também se faz quantitativamente por meio de estatística descritiva (GIL, 2012). Dessa forma, concorda-se com Mattar e Ramos (2021) que ao incorporar elementos das duas abordagens tem-se uma perspectiva mais completa do fenômeno investigado.

O contexto da pesquisa foi uma escola de Educação Básica do RS/BR, pertencente à Rede Sinodal de Educação. A escolha por essa escola se deve ao fato de ela ter parceria com a Universidade na qual os pesquisadores estão alocados e por demonstrar interesse pelo tema da pesquisa. No final de agosto de 2023, o grupo de pesquisa reuniu-se com a coordenadora pedagógica, para esclarecer os objetivos da pesquisa e solicitar autorização para realizá-la. A demanda foi levada à equipe diretiva da escola que autorizou o estudo.

Participaram da pesquisa 15 alunos do 3º ano do Ensino Médio, de um total de 33. Como critérios de inclusão, foram levados em conta a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa e a adesão voluntária. Todos foram convidados a participar.

Com relação ao processo de produção de informações, utilizou-se um questionário elaborado do *Google Forms*, contendo questões de múltipla escolha e abertas. As questões foram elaboradas pelos autores e submetidas ao grupo de pesquisa para análise da sua clareza. Numa segunda etapa, foi feita uma testagem com uma turma de Ensino Médio de outra escola, a fim de fazer os ajustes necessários. As questões buscaram informações sobre a duração temporal dos vídeos a que os alunos assistem, a preferência de formatos (videoaula, documentário, tutorial, etc.), as formas de utilização dos audiovisuais nas aulas, a percepção deles sobre as contribuições dos vídeos para a aprendizagem, assim como autonomia ou dificuldades técnicas enfrentadas pelos alunos na produção de vídeos. O formulário foi disponibilizado via grupo de *WhatsApp* dos alunos, por intermédio de um professor deles.

As informações quantitativas são apresentadas por meio de estatística descritiva, conforme proposto por Gil (2012). Esse procedimento foi utilizado para organizar e descrever as respostas do questionário, com apresentação da distribuição de frequências em percentuais por meio de gráficos. A análise qualitativa, com o objetivo de compreender o lugar que os vídeos ocupam na vida dos alunos e nas aulas, fez a partir do processo de categorização das respostas resultando em duas categorias emergentes: a) A presença dos audiovisuais no cotidiano dos alunos; b) Usos didático-pedagógicos de audiovisuais nas aulas.

Quanto aos cuidados éticos, a produção de informações iniciou após a anuência da equipe diretiva da escola e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis dos alunos menores de idade ou por eles, no caso de serem maiores de idade. Os estudantes menores também consentiram a sua participação mediante a assinatura do Termo

de Assentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética⁶. Ao trazer trechos das respostas dissertativas, usam-se nomes fictícios para os alunos, para preservar a identidade deles.

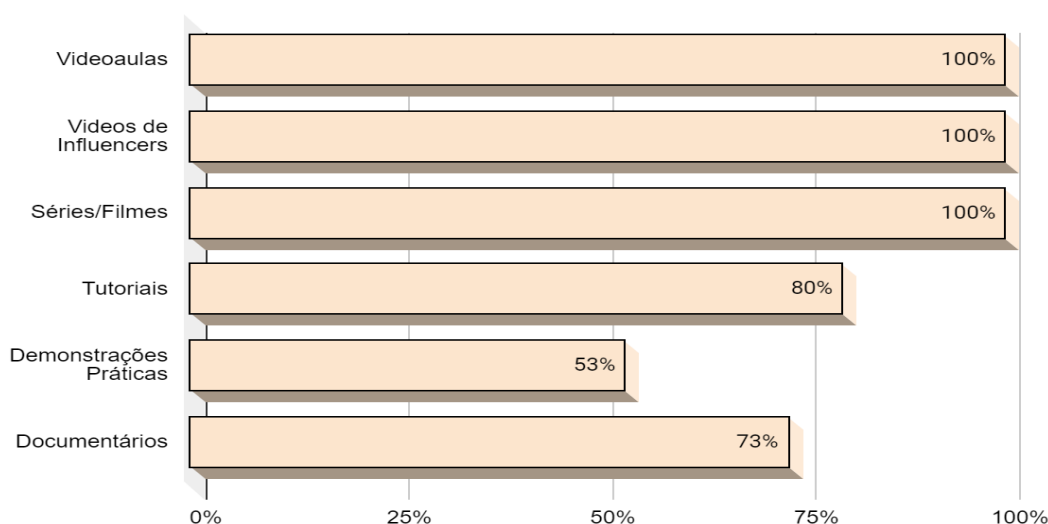
3 Resultados e Discussão

3.1 A presença dos audiovisuais no cotidiano dos alunos

A partir das respostas do questionário respondido pelos estudantes do Ensino Médio, pode-se conhecer a utilização dos recursos audiovisuais no seu cotidiano e no ambiente escolar e, conseqüentemente, a relação e a interação do grupo investigado com esse tipo de recurso digital.

Inicialmente, os estudantes foram questionados a respeito do(s) gênero(s) audiovisual(is) a que eles assistem. Identificou-se que todos os estudantes (100%) recorrem a videoaulas, séries e filmes e a vídeos de influenciadores digitais disponíveis em redes sociais, tais como o *facebook* e o *Instagram*. Esses resultados permitem inferir que o acesso aos recursos audiovisuais ocorre tanto com finalidades educativas quanto em momentos de lazer. Conforme o gráfico abaixo (Figura 1), percebe-se também que mais da metade dos estudantes acessa tutoriais, demonstrações práticas e documentários.

Figura 1 - Gênero dos audiovisuais a que os estudantes assistem.



Fonte: Dos autores.

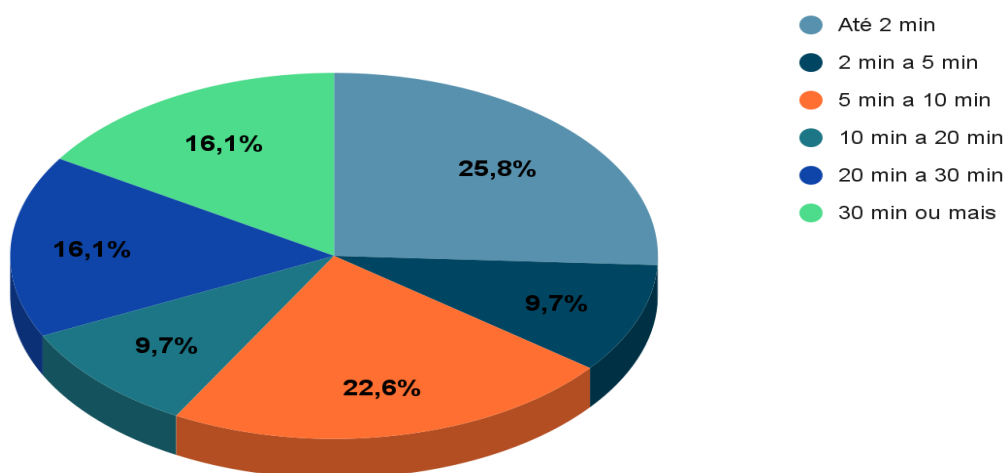
Os resultados acima ratificam o que Sibilia (2012) já havia detectado há mais de uma década: a cultura audiovisual veio para ficar e a imagem faz parte da vida das pessoas na atualidade. Isso se reflete também no uso diversificado de gêneros audiovisuais, que não se restringe apenas ao entretenimento, mas também servem para o estudo e a busca por conhecimento, seja de saberes práticos ou científicos.

Outra questão que nos inquietou diz respeito à preferência quanto ao tempo de duração dos vídeos a que os estudantes assistem, em especial, por vivermos numa sociedade na qual

⁶ Número do Parecer: 6.471.497, CAEE 74588323.1.0000.5310, aprovado em 30/10/2023.

tudo precisa ser rápido, como postagens feitas no *Instagram* e no *TikTok*. Constatou-se que a preferência dos estudantes quanto à duração dos vídeos é variada, ou seja, 25,8% dos estudantes costumam assistir a vídeos de até dois minutos; 9,7% optam por vídeos com duração de dois a cinco minutos; 22,6%, de cinco a dez minutos, ou seja, mais da metade (58,1%) prefere vídeos com, no máximo, 10 minutos, conforme mostra gráfico abaixo:

Figura 2 - Preferência dos estudantes quanto ao tempo de duração dos vídeos.



Fonte: Dos autores

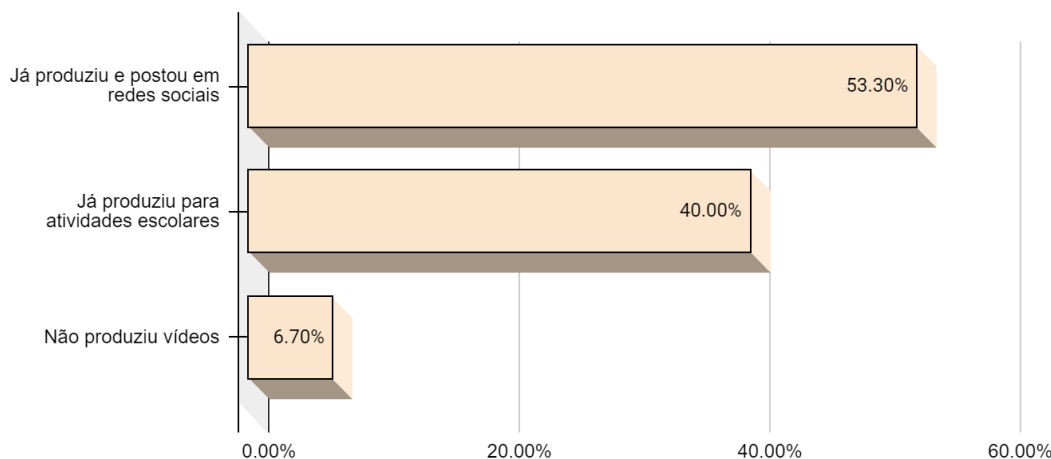
Evidenciamos também que vídeos com duração de mais de 20 minutos foram mencionados por apenas 32,2%, sendo 16,1%, de 20 a 30 minutos, e 16,1%, para vídeos com mais de 30 minutos.

No que diz respeito à opção por audiovisuais com menor tempo de duração, Sibilia (2012) menciona que, em função da velocidade da produção das informações, não há mais tempo para que as coisas decantem, pois rapidamente vêm outras. Nesse sentido, há de se pensar como a escola, em tempos de excesso de informações, pode pensar o ensino a partir dos audiovisuais. Entendemos que a escola possui um papel diferenciado na sociedade, que não é o de “se adaptar” à realidade dos alunos, ou seja, não é pelo fato de os alunos preferirem vídeos curtos que temos que trabalhar somente com produções de curta duração; pelo contrário, ela precisa problematizar o cotidiano dos alunos.

A escola é um lugar que pode assumir o papel de proporcionar aos alunos momentos de ruptura da vida cotidiana, como, por exemplo, vivências que problematizam o excesso de informações que recebemos e momentos que possibilitem aos alunos decantar, refletir, internalizar, ou seja, propiciar vivências que se tornem experiências. Como nos diz Larrosa (2002, p. 21, grifo nosso): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia, passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Experiência é aquilo que ao nos passar, nos forma e transforma. Para o autor, no entanto, vive-se um tempo em que nunca se passaram tantas coisas e, em contrapartida, a experiência é cada vez mais rara.

Outra questão importante que investigamos diz respeito à relação dos estudantes com os vídeos, ou seja, se eles são apenas consumidores ou se também são produtores. Evidenciamos que 93,3% (figura 3) dos estudantes já produziram vídeos, destes, 53,3% para postagem em redes sociais e 40% para fins escolares. Apenas 6,7% (um estudante) afirmou que nunca produziu vídeos.

Figura 3 - Produção de vídeos pelos estudantes.



Fonte: Dos autores.

No caso específico da produção de audiovisuais, a pesquisa evidencia que a maioria participa ativamente nas redes sociais por meio de postagens próprias, não se limitando apenas a consumir conteúdos disponíveis. Moran (2015, p. 27) ressalta que, em pouco tempo, passamos “[...] de consumidores da grande mídia para ‘prosumidores’ – produtores e consumidores - de múltiplas mídias, de múltiplas plataformas e formatos, para acessar informações, publicar nossas histórias, sentimentos, reflexões e nossa visão de mundo”. O que escrevemos, postamos, “curtimos” diz respeito ao que somos. Por meio de portais e aplicativos, expressamos nossa caminhada, valores, visão de mundo, nossos sonhos e limitações, nos diz o autor.

Borba e Oechsler (2018) reforçam que, com o advento da internet e a facilidade de acesso a equipamentos que permitem a gravação de áudio e imagens em melhor resolução, os vídeos tornaram-se acessíveis à população, exercendo uma espécie de fascínio para muitos.

Com essa facilidade, nos últimos anos, vem crescendo o número de *Youtubers*, pessoas que produzem e postam vídeos no canal *YouTube*, abordando diversos assuntos. Esses *Youtubers* têm seus seguidores, que possuem afinidade com o tema postado curtindo, seguindo e compartilhando essas publicações. Os temas explorados nesses canais são os mais variados, desde jogos, até conteúdos didáticos. É cada vez mais comum encontrarmos canais no *YouTube* com vídeos de diversos conteúdos, que os alunos podem utilizar para sanar suas dúvidas das matérias escolares (BORBA; OECHSLER, 2018, p. 392-393).

Por outro lado, ainda em relação à produção de audiovisuais, constatamos que 57,1% dos estudantes declararam ter enfrentado dificuldades técnicas ao produzir seus vídeos,

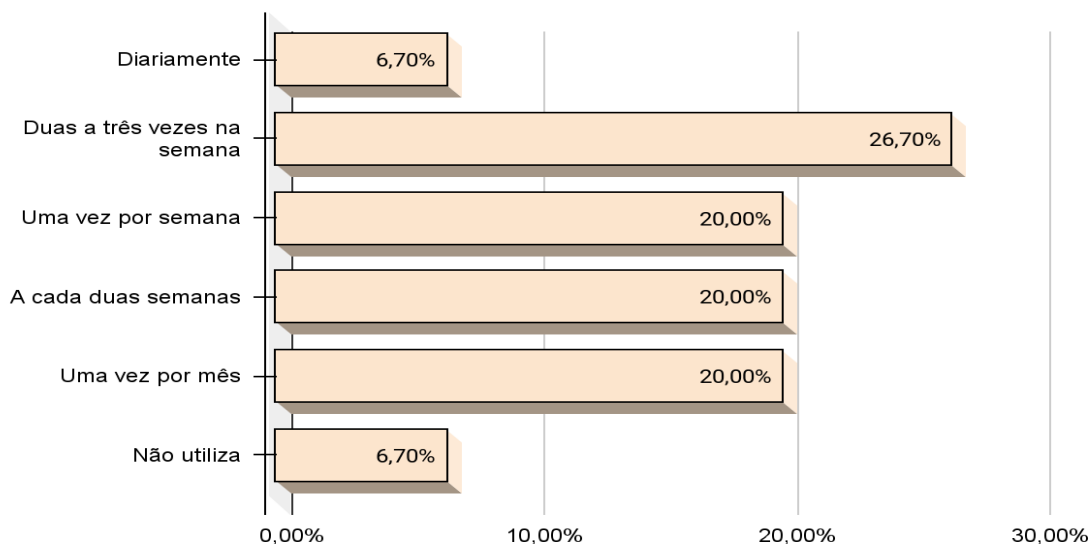
relatando problemas com edição, iluminação e áudio, conforme falas a seguir: “Na parte de edição, tive dificuldades em achar bons aplicativos” (Antônio); “Iluminação e qualidade de áudio” (Maria); “Edição, iluminação e câmera desfocada/ruim” (Pedro). Dessa forma, percebe-se que, apesar de serem nativos digitais, adotando a expressão criada por Prensky (2001) para se referir à geração nascida com acesso à internet, que prefere uma leitura de acesso aleatório (como no hipertexto) e utiliza frequentemente tecnologias digitais em seu cotidiano, os participantes da pesquisa também necessitam formação técnica-instrumental. Portanto, se propuséssemos nessa escola a produção de audiovisuais como estratégia pedagógica, seria importante promover uma formação com os alunos, para auxiliá-los nas dificuldades apontadas.

Apresentados os resultados referentes a como os audiovisuais se fazem presentes no cotidiano dos alunos, direcionamos nosso olhar para a escola, explicitando como os alunos percebem o uso didático-pedagógico de audiovisuais nas aulas.

3.2 Usos didático-pedagógicos de audiovisuais nas aulas

O primeiro questionamento feito aos alunos foi relativo à frequência com que os professores utilizam audiovisuais nas aulas (Figura 4). Constatou-se uma variabilidade nas respostas, o que retrata que há diferenças de percepção entre os estudantes.

Figura 4 - Percepção dos alunos quanto à frequência de uso de audiovisuais nas aulas.



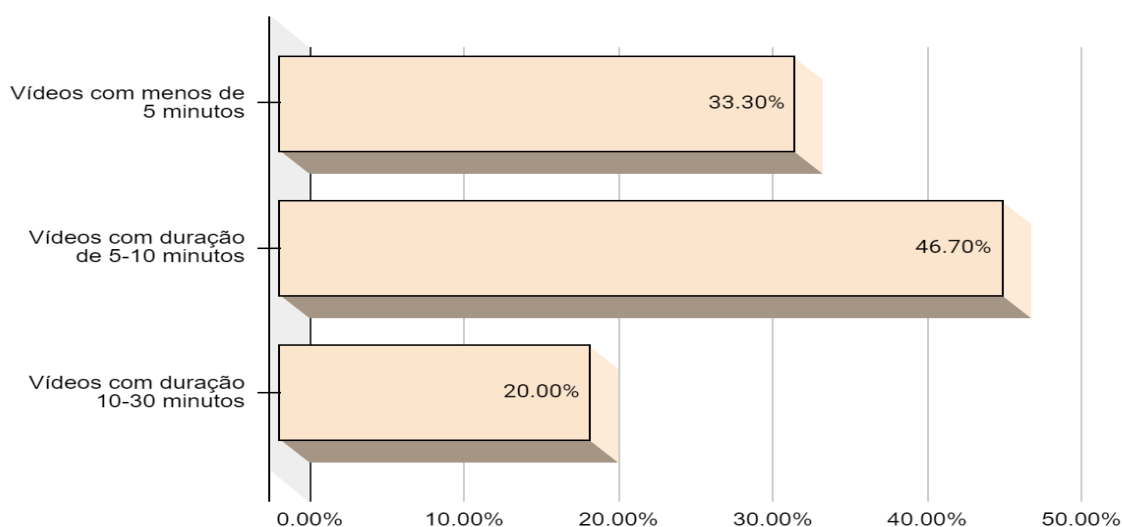
Fonte: Dos autores.

As respostas dos alunos mostram que, se agruparmos o uso semanal nas aulas, temos 53,7%, sendo 6,7% diariamente; 26,7% duas a três vezes; 20% uma vez por semana. O uso de duas em duas semanas ocorre para 20% dos alunos. Não utilizam, apenas para 6,7%. Dessa forma, podemos afirmar que os audiovisuais estão sendo utilizados nas aulas. Não temos como definir parâmetros de frequência, ou seja, o número de vezes que deveriam ser usados, uma vez que isso depende de cada componente curricular e dos temas trabalhados; contudo, conseguimos identificar quais áreas utilizam vídeos.

De acordo com os estudantes, os componentes curriculares que mais utilizam audiovisuais durante as aulas são da área das Linguagens, exceto o componente curricular Educação Física. Alguns estudantes citam a utilização desse recurso digital também por professores das áreas das Ciências Humanas e das Ciências da Natureza, conforme as respostas a seguir: “Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Estúdio⁷” (Joana); “Ciências Humanas, Linguagens (literatura e inglês), Ciências da Natureza” (Fernanda); “As linguagens são as que mais utilizam” (Alice).

Outro aspecto investigado com os estudantes abordou a preferência por tempo de duração dos vídeos utilizados pelos professores em aula (figura 5).

Figura 5 - Preferência de tempo em relação aos audiovisuais utilizados em aula.



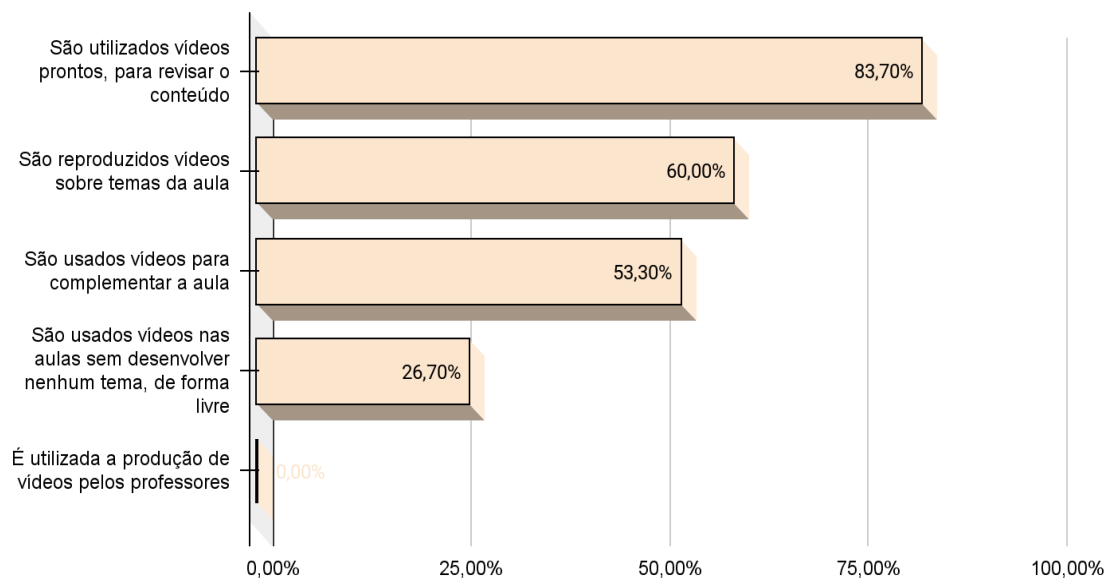
Fonte: Dos autores.

Evidenciou-se que a maioria (80%) dos estudantes prefere vídeos de, no máximo, dez minutos: 33,3% até cinco minutos e 46,7% de cinco a dez minutos. Aqui cabe destacar que não foram citados vídeos com mais de 30 minutos, diferentemente do que se evidenciou na figura 2, na qual 16,1% dos estudantes disseram assistir a vídeos com essa duração, fora da escola.

Uma vez identificada a presença dos audiovisuais, sua frequência, áreas de conhecimento que os utilizam e preferência dos alunos em relação ao tempo de duração nas aulas, questionamos como esses vídeos estão sendo utilizados e o lugar que eles ocupam na metodologia de ensino dos professores (figura 6). Nesta questão, os alunos puderam assinalar mais de uma resposta. Essas informações encontram-se abaixo.

Figura 6 - Usos didático-pedagógicos dos audiovisuais nas aulas do Ensino Médio.

⁷ Estúdio é um componente curricular do Ensino Médio da Escola investigada que tem como propósito trabalhar com a criação, ser espaço para exercitar o protagonismo dos alunos.



Fonte: Dos autores.

Analisando as informações, evidencia-se que prevalece o uso de vídeos já disponíveis em plataformas para reforço das aulas (86,7%) ou como forma de complementar os temas desenvolvidos em aula (53,3%), o que é ratificado pela fala de Maria, por exemplo, ao destacar que os vídeos reforçam as temáticas discutidas em aula de maneira diferenciada. Para ela, os vídeos possibilitam “diferentes formas de explicar um conteúdo, que pode auxiliar o aluno que não conseguiu entender através da metodologia e palavras do professor em sala”. Os vídeos oferecem oportunidades de autoaprendizagem, pois permitem que os estudantes revisem o conteúdo no seu próprio ritmo, enquanto visualizam representações visuais que facilitam a compreensão.

Dessa forma, o uso de vídeos possibilita que os alunos acessem o conteúdo num formato diferente do que foi desenvolvido em aula. Outros estudantes também compartilharam essa visão, como João, que percebe os vídeos como uma ferramenta de revisão e reforço do conteúdo: “*Aprendo com bastante facilidade pois posso rever os vídeos*”. Nesse sentido, um dos usos didático-pedagógicos identificado nos vídeos foi reforçar ou complementar os temas que são ensinados presencialmente.

Borba e Oechsler (2018), a partir de estudo de revisão que realizaram, identificaram três vertentes para o uso do vídeo no ensino: uso do vídeo para gravação de aulas e reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem; uso do vídeo como material didático em sala de aula; produção de vídeos por alunos e professores. A gravação de aulas é comum em países estrangeiros e tem se intensificado no Brasil, principalmente, após o crescimento da Educação a Distância. Como material didático, há plataformas com vídeos para uso em sala de aula, sendo muito conhecida entre os professores, a TV Escola (<http://tvescola.mec.gov.br/tve/home>) (BORBA; OECHSLER, 2018).

Para Isabela, a contribuição dos vídeos vai além dos conteúdos de aula. Segundo ela, “vídeos também são informações, não apenas conteúdos de aula, então também contribui para meu repertório e conhecimentos gerais”. Esse comentário ressalta que os vídeos podem desempenhar um papel maior na formação dos estudantes, à medida que contribuem para ampliar seu repertório cultural e proporcionam acesso mais diversificado às informações.

Também foi identificado, contudo, que se assiste a vídeos sem fazer nenhuma relação com temas de estudo, nas aulas (26,7%). Além disso, não foram identificadas, a partir das respostas dos alunos, produções audiovisuais próprias dos professores, bem como constatou-se que há componentes que não utilizam vídeos, como a Educação Física.

Ao questionar os alunos sobre possibilidades de uso de audiovisuais nas aulas de Educação Física, Miguel enxerga neles uma ferramenta para exemplificar práticas corporais, como a dança, ao permitir a reprodução dos movimentos observados: “Um bom exemplo é o da dança, onde o indivíduo reproduz de forma física o que vê no vídeo” (Miguel). Essa observação reforça a ideia de que os vídeos podem ser úteis para exemplificar e demonstrar práticas que exigem coordenação motora e movimentos corporais, servindo como um modelo visual. Entretanto, Eduarda questiona a relevância dos vídeos em disciplinas práticas, como a Educação Física, afirmando que “como as aulas de Educação Física são na maioria das vezes bem práticas, não vejo muita necessidade de vídeos, a não ser se fôssemos fazer um trabalho”.

As respostas dos alunos acima expressam uma visão restrita das possibilidades de uso dos vídeos na Educação Física. A primeira limita-se a reproduzir os movimentos, não se vislumbra a produção de vídeos como possibilidade de construção de conhecimentos. A segunda limita a Educação Física à prática, como se não houvesse um saber a ser construído por esse componente curricular. Neuenfeldt *et al.* (2024) em pesquisa sobre como os audiovisuais estão sendo explorados enquanto recurso didático-pedagógico no ensino de Educação Física escolar, constataram que são utilizados tanto vídeos já disponíveis em alguma plataforma digital, como também os alunos são mobilizados a produzi-los. Os resultados evidenciam que:

Nas duas situações, a utilização dos vídeos é acompanhada de uma perspectiva pedagógica crítica, que possibilita uma formação que transcende a aprendizagem do movimento em si, sendo utilizados para o ensino de temas transversais, como forma de avaliação, estimulando assim a produção de conhecimentos pelos alunos. Há um esforço de pesquisadores e professores de Educação Física no sentido de romper com o uso dos audiovisuais limitados ao entretenimento (NEUENFELDT *et al.*, 2024, p. 15)

Os audiovisuais podem auxiliar os alunos a compreender melhor os conceitos discutidos em sala de aula, além de abordar questões sociais importantes, como inclusão, diversidade, superação de desafios e valores éticos. Nessa perspectiva, por exemplo, ao assistir e discutir filmes nas aulas de Educação Física, os alunos, de acordo com Fu *et al.* (2022), não apenas ampliam seus conhecimentos sobre os temas abordados, mas também desenvolvem habilidades de pensamento crítico, empatia e consciência social.

Contudo, ressaltamos que não basta apenas assistir a um vídeo; é necessário intencionalidade pedagógica que articule os temas de ensino com os objetivos de aprendizagem, promovendo a participação crítica e ativa dos estudantes. Por isso, destacamos outro uso didático-pedagógico dos vídeos, quando os alunos são instigados a produzir audiovisuais nas aulas. Esse uso foi lembrado por 60% dos alunos; contudo, nas questões abertas, os alunos não fazem menção a essa forma de uso do vídeo nas aulas, apenas reforçam seu uso como algo complementar em casa ou para tornar a aula mais atrativa, como percebemos nas falas a seguir: “De certa forma, uma outra explicação (maneira diferente) do professor” (Camila); “Os vídeos são de extrema ajuda para entendimento adicional do conteúdo” (André); “Aula mais dinâmica” (Roberta).

Constatam-se nas respostas dos estudantes, duas posições distintas quanto ao uso de vídeos. A primeira, já apresentada e discutida, de consumidor, ou seja, quando os estudantes fazem uso de materiais audiovisuais prontos, produzidos por terceiros, com o intuito de assistir. Dessa forma, a participação é mais limitada, restringindo-se a *likes* ou a comentários breves.

Em contrapartida, na segunda posição, parte deles menciona que participa da produção de vídeos; porém, não fica claro como isso ocorre. Nesse sentido, também queremos ressaltar que não houve menção à produção de vídeos pelos professores. Por isso, destacamos a importância de olhar para a produção de audiovisuais como estratégia pedagógica, tanto dos alunos como dos professores.

Neuenfeldt (2020), em pesquisa realizada, destaca que quando os alunos participam da produção de vídeos, oportuniza-se a formação para a autonomia, sendo protagonistas do processo de aprendizagem. Ressalta-se que, ao estimular a autonomia, os limites dos conteúdos não são tão restritos, uma vez que os alunos precisam buscar informações que os auxiliem a se tornarem autores. Essas informações nem sempre se encontram apenas em um componente curricular. Por exemplo, é necessário dar conta de aspectos tecnológicos, conteudistas e de edição. Nesse sentido, Anastasiou e Alves (2004, p. 76) afirmam que “[...] trabalhar para além do conteúdo é um desafio, que corresponde ao processo de autonomia a ser conquistado com e pelo aluno”.

A produção de vídeos também ocorre em parceria. No processo de produção de vídeos, por exemplo, algumas descobertas são feitas em conjunto, com os colegas ou mesmo com o professor. Freire (2006) ressalta que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2006, p. 46). O professor continua sendo o mediador; contudo, em relação às tecnologias digitais, existe entre os estudantes uma desenvoltura para manipular atalhos ou se conectar com os demais colegas, via tecnologias digitais.

Do mesmo modo que a autonomia, reforça-se também a importância de estimular a autoria. Demo (2015, p. 8) define autoria como sendo a “[...] habilidade de pesquisar e elaborar conhecimento próprio, no duplo sentido de estratégia epistemológica de produção de conhecimento e pedagógica de condição formativa”. Assim, ao sugerir que os estudantes produzam conhecimento a partir de produções audiovisuais, quebra-se o paradigma do ensino transmissivo e se coloca os estudantes numa posição incômoda, em que eles podem criar ou recriar algo e, mais, o que for criado precisa ser compreendido pelos colegas, muitas vezes, numa linguagem digital que eles acreditam dominar.

Ainda, Borba e Oechsler (2018, p. 407) destacam que a produção de vídeos por alunos e professores é uma abordagem de ensino recente. Por isso, ainda há questões a serem consideradas com relação à sua implementação em sala de aula, tais como:

Em que momento os alunos podem ser instigados a criar os seus próprios vídeos? Como o professor deve proceder: deve ensinar seus alunos a criarem os vídeos, apresentando ferramentas de captura e edição de imagens? Deve deixar os alunos livres para o uso das ferramentas de vídeo? [...] Qual o melhor momento de se abordar o vídeo em sala de aula?

Portanto, constata-se que os audiovisuais são utilizados na maioria dos componentes curriculares, principalmente como forma de complementar o ensino que acontece em sala de aula. Também se identificou que os estudantes produzem vídeos, mas não conseguimos, por limitação do instrumento de produção de informações utilizado, compreender como essa

articulação ocorre com o ensino e nos diferentes componentes curriculares. Isso demanda uma nova pesquisa pois nos possibilitará analisar o uso didático-pedagógico dos audiovisuais no ensino quando envolve processos de produção pelos alunos. Da mesma forma, também é necessário analisar as razões que levam o componente curricular de Educação Física não fazer uso de audiovisuais.

4 Considerações finais

A pesquisa realizada revela que os audiovisuais se fazem presentes no cotidiano dos alunos do Ensino Médio, que acessam vídeos já disponíveis, abrangendo uma variedade de formatos, como videoaulas, tutoriais e séries/filmes. Portanto, a linguagem audiovisual, hoje, é algo inerente à vida deles.

Em relação ao ensino, identificamos usos didático-pedagógicos em todos os componentes curriculares, com exceção da Educação Física. Eles são utilizados, a partir das percepções dos estudantes, principalmente, para auxiliar na revisão de conteúdos ou para complementar temas trabalhados nas aulas. Reconhecer a linguagem audiovisual como uma possibilidade de ensinar pode beneficiar alunos que enfrentam dificuldades em compreender temas a partir de aulas expositivas. Além disso, a capacidade de revisar o conteúdo fora do horário escolar foi percebida como uma vantagem importante, proporcionando autonomia no processo de aprendizagem.

Além disso, também constatamos que a produção de vídeos, mesmo não citada por todos os estudantes, é adotada como uso didático-pedagógico. Contudo, embora a maioria dos alunos tenha participado da produção de vídeos para atividades escolares, muitos destacam que enfrentaram dificuldades técnicas na edição. Esses desafios revelam a necessidade de oferecer suporte e capacitação aos estudantes para que possam desenvolver suas habilidades na criação de conteúdo audiovisual. Estratégias para simplificar o processo de produção e fornecer recursos adequados podem mitigar essas dificuldades, permitindo que mais alunos se beneficiem da aprendizagem através da produção de vídeos.

Por outro lado, os alunos responderam que há situações em que se assiste a um vídeo em aula sem desenvolver algum tema, faltando, nesse caso, intencionalidade pedagógica. Outro aspecto em que há espaço para avançar diz respeito à produção de vídeos didático-pedagógicos pelos professores. Mesmo que hoje haja muitos vídeos disponíveis na internet, a produção autoral do professor, atenta às necessidades dos alunos, pode contribuir para a qualificação do ensino.

Os resultados desta pesquisa explicitam que os recursos audiovisuais permeiam a vida dos alunos, estando presentes no contexto educacional e podendo enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. Contudo, é necessário discutir as diferentes possibilidades de uso no ensino, desde a complementação de temas trabalhados em aula até a produção autoral de conteúdos audiovisuais pelos próprios estudantes. A inserção desses recursos no Ensino Médio depende da concepção de ensino adotada pela escola e pelos professores, dos critérios adotados na seleção de audiovisuais que dialoguem com o currículo, do desenvolvimento de habilidades tecnológicas pelos alunos e da criação de um ambiente que estimule a exploração criativa e crítica dos conteúdos apresentados.

Para finalizar, é importante ressaltar as limitações do estudo, no caso, a participação de alunos de apenas uma turma do 3º ano do Ensino Médio, limitando a análise exclusivamente às respostas deles. Para futuras pesquisas, recomenda-se explorar o uso didático-pedagógico

dos vídeos nas aulas, numa proposta de produção de vídeos, tanto por parte de alunos quanto de professores, para investigar como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem.

Referências

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). Estratégias de Ensino. In: ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004. p. 67-100. Disponível em: <https://goo.gl/KXjIUh>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BORBA, Marcelo de Carvalho; OECHSLER, Vanessa. Tecnologias na educação: o uso dos vídeos em sala de aula. **Revista Brasileira de Ensino, Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, mai./ago., p. 181-213, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/8434/pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>. Acesso em: 29 abr. 2024.

DEMO, Pedro. **Aprender como autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).

FU, Ho Shin *et al.* Filmes como estratégias para as aulas de Educação Física na Escola. **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28028, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.117773. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/117773>. Acesso em: 1 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

JEFFREY, Debora Cristina; SIQUEIRA, Ivan Claudio Pereira. A Política Educacional: análise de orientações oficiais durante a pandemia de Covid-19. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p.e022030, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1862. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1862>. Acesso em: 20 abr. 2024.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr., p. 20-28, 2002

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In.: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 47-65.

NEGRÃO, Manoel Maria Silva; NEUENFELDT, Derli Juliano. Possibilidades e Limites Pedagógicos do Uso do WhatsApp nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e2124, 2024. DOI: 10.18264/eadf.v14i1.2124. Disponível em:

<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2124>. Acesso em: 2 out. 2024.

NEUENFELDT, Adriano Edo. **Produção de Vídeos Como Objetos Digitais de Ensino e de Aprendizagem Potencialmente Significativos (ODEAPSs) nas Ciências Exatas: limites e possibilidades**. 2020. Monografia (Doutorado) – Curso de Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 06 mar. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/2843>. Acesso em: 22 nov. 2020.

NEUENFELDT, Adriano Edo; SCHUCK, Rogério José; MIORANDO, Tania Micheline. Produção de vídeos como objetos digitais de ensino e de aprendizagem potencialmente significativos. **Revista Dynamis**. FURB, Blumenau, v. 26, n.1, p. 170-191, 2020. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/download/8410/4530/>. Acesso: 29 abr. 2024.

NEUENFELDT, Derli Juliano; BAUMGARTEN, Macgregor.; NEUENFELDT, Adriano Edo. Educação Física Escolar e Tecnologias Digitais: Experimentado essa relação. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2024. DOI: 10.18264/eadf.v14i1.2093. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2093>. Acesso em: 29 abr. 2024.

NEUENFELDT, Derli Juliano; WAGNER, Tiago; CRUZ, Rafael Kowalski da; NARCISO, Yasi Rieth. Audiovisuais na Educação Física Escolar: possibilidades didático-pedagógicas. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 37, 2024. DOI: 10.22456/2595-4377.140845. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/140845>. Acesso em: 8 fev. 2026.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**. V. 9, n.º 5, october, p. 1-6, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 16 out. 2024.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

WHO. **Pandemia da doença por coronavírus (COVID-19)**. 2026. Disponível em: <https://www.who.int/europe/emergencies/situations/covid-19> Acesso em: 08 de fev. 2026.

Contribuições da autoria

Derli Juliano Neuenfeldt: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia, Supervisão/Orientação, Redação

Tiago Wagner: Conceitualização, Interpretação e Análise de Dados, Redação

Adriano Edo Neuenfeldt: Conceitualização, Interpretação e Análise de Dados, Redação

Rafael Kovalski da Cruz: Conceitualização, Investigação, Redação

Data de submissão: 09/02/2026

Data de aceite: 11/05/2026